

ANSIEDADE *VERSUS* DESEMPENHO ACADÊMICO: UMA ANÁLISE ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

José Milton Lopes¹

Edmalúcia Brito Oliveira²

Renata Estevam da Silva³

Nielky Kallielanya Bezerra da Nóbrega⁴

André Fernando de Oliveira Fermoseli⁵

Psicologia



ISSN IMPRESSO 1980-1769

ISSN ELETRÔNICO 2316-3151

RESUMO

Sabe-se que a ansiedade é um sentimento funcional inato ao homem, que pode muitas vezes ter caráter preventivo e de alerta. No entanto, pode ser prejudicial quando excede seu limite funcional e passa a afetar a cognição e os comportamentos do sujeito, envolvendo aspectos tanto psicológicos como fisiológicos. Transpondo essa condição para o meio acadêmico, onde o universitário é testado sobre suas capacidades, o nível de ansiedade, se disfuncional, pode causar conseqüências no seu desempenho. Partindo desse pressuposto, o presente estudo foi realizado com o objetivo de verificar a correlação entre ansiedade e desempenho acadêmico em estudantes universitários. Tratou-se de um estudo do tipo descritivo e transversal com amostragem não probabilística intencional, sendo a amostra, constituída por 102 estudantes universitários matriculados entre o 7º e o 10º período do curso de Psicologia de um Centro Universitário privado de Maceió - AL. Utilizou-se como método para levantamento dos dados, um questionário sociodemográfico próprio, o Inventário de Ansiedade de Beck (BAI), assim como também, foram consultadas as médias ponderadas dos estudantes participantes através do portal da IES. Para tabulação e análise dos dados utilizou-se o programa Windows Excel 2013 e o programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) – Versão 23 para calcular o Coeficiente de correlação de Pearson (rp). A partir disto verificou-se que estudantes com ansiedade mínima apresentaram desempenho acadêmico médio de 7,87 pontos, sendo inferior se comparado a estudantes com ansiedade leve que apresentaram desempenho acadêmico médio de 8,05 pontos, enquanto que os estudantes com ansiedade moderada e grave, apresentaram desempenho acadêmico médio de 7,85 e 7,49 respectivamente. Sugerindo como resultado a exis-

tência de um nível de ansiedade entre a ausência de ansiedade e a ansiedade moderada onde o desempenho acadêmico é ótimo e ainda que indivíduos com altos níveis de ansiedade tendem a apresentar baixos níveis de desempenho acadêmico, apontando assim para uma correlação inversamente proporcional e fraca entre o nível de ansiedade e o desempenho acadêmico, ($r_p = -0,161$; $p > 0,05$).

PALAVRAS-CHAVES

Ansiedade. Desempenho acadêmico. Psicologia.

ABSTRACT

We know that anxiety is a functional feeling innate to the human being, and it can often have character preventive and also of alert, although it can be harmful when exceeds its functional limits and it can affect the cognition and the behaviors of the person, involving aspects as psychologic and physiologic. Taking this condition to the university, where the student is tested about the capacity of them, the level of anxiety, if dysfunctional it can cause consequences in them performance. Going through this assumptions, this study was made with the objective to verify the relation between anxiety and academic performance in students in university. This was a study of descriptive kind and transversal with sampling not probabilistic of intention, being the sampling constituted from 102 students of 7th and 10th period of a psychology course of a university center private of psychology in Maceió-AL. It was utilized as a method to get data material, a questioner sociodemographic, the anxiety inventory of Beck (BAI), also we consulted the weighted averages of the participating students through the IES portal. For tabulation and data analysis, it was utilized the Windows Excel 2013 and the Statistical Package - Version 23 (SP23) both were used to calculate the Pearson correlation coefficient (r_p). From this it was verified that students with minimum anxiety did show an average academic performance of 7,87 points, being less than students with light anxiety who showed an average performance of 8,05 points, while students with moderated and grave, showed average academic performance between 7,85 and 7,49 respectively. It suggests as a result the existence of an anxiety level between the lack of anxiety and moderated anxiety where the academic performance is great and even though with high levels of anxiety tends to show low levels of academic performance, it direct us to a correlation inversely proportional and weak between the level of anxiety and academic performance ($r_p = -0,161$; $p > 0,05$).

KEYWORDS

Anxiety. Academic performance. Psychology.

1 INTRODUÇÃO

A ansiedade é um fenômeno que faz parte da vida de todo ser humano, podendo ser mais intenso ou não de acordo com cada indivíduo, principalmente em situações específicas de suas vidas. Braga (2016) descreve ansiedade como uma reação natural que permite a adaptação do indivíduo às situações temerosas. Sendo assim, de caráter essencial para seu bom funcionamento.

Medeiros e Peniche (2006) apontam que a ansiedade se configura como uma reação emocional momentânea captada pela consciência, causando diversos comportamentos. As respostas a essa condição ansiosa podem surgir como, apreensão por não conhecer o que está por vir, tensão física e fuga da situação temida. Para Souza e outros autores (2013), tais circunstâncias fazem parte de um conjunto de fatores cognitivos, comportamentais, afetivos, fisiológicos e neurológicos responsável pelo entendimento e comportamento do indivíduo frente a um determinado acontecimento.

Dentre as reações fisiológicas mais desagradáveis, Carmo e Simionato (2012) destacam como exemplos: postura tensa, expressão facial cansada, dores de cabeça e distúrbios estomacais. Nesse sentido, a frequência e a intensidade desses componentes são utilizadas como parâmetros fundamentais na caracterização da ansiedade enquanto funcional ou patológica.

Guimarães (2014, p. 25) afirma que: "A ansiedade é uma sensação subjetiva de inquietação, pavor ou apreensão e pode variar de acordo com o perigo percebido". Entendendo, também, que a ansiedade se trata de um fenômeno inato do indivíduo, mas quando afeta as atividades cotidianas deste, por exemplo, quando devido a um momento de ansiedade intensa um estudante chega a desistir de apresentar um seminário, pode começar a se investigar um possível transtorno de ansiedade.

De acordo com Ramos (2009), a ansiedade patológica atualmente não é considerada um fenômeno único e cada tipo de transtorno ansioso parece estar ligado a diferentes mecanismos fisiopatológicos; corroborando com esse pensamento, Pereira e Lourenço (2012) afirmam que a ansiedade torna-se patológica quando o nível de ansiedade, identificado pelos sintomas, se torna excessivo, interferindo no funcionamento saudável da vida.

Desta forma uma das situações em que o indivíduo pode apresentar comportamentos ansiosos está relacionado com as crenças pessoais, mais especificamente a de autoeficácia. Loricchio e Leite (2012) afirmam que a crença de autoeficácia determina o nível de ansiedade bem como o desempenho nas atividades do sujeito, ou seja, quanto mais o sujeito confia na sua capacidade para completar uma determinada tarefa ou resolver um problema, melhor ele saberá lidar com sua ansiedade.

Clark e Beck (2012) apontaram que indivíduos altamente ansiosos cometerão mais erros cognitivos enquanto processa estímulos ameaçadores particulares, o que vai aumentar a importância da informação de segurança incongruente. O padrão inverso será evidente em estado não ansioso, onde um viés de processamento cognitivo para não ameaça ou sinais de segurança está presente. Desta forma, a ansiedade pode manifestar-se, também, por meio de sintomas cognitivos, causando estado de

vigília e atenção em dobro ou ainda, alterar aspectos ambientais de forma negativa, levando o indivíduo a catastrofizar situações.

É possível considerar, transpondo os achados sobre ansiedade para o meio acadêmico, que esse sentimento pode se tornar mais intenso, visto que na maior parte do tempo, os estudantes precisarão estar mostrando seu desempenho acadêmico. Oliveira e Santos (2006) definem desempenho acadêmico como a capacidade do aluno de manter e reproduzir o que foi aprendido. Frente a isso, o estudante precisará ser avaliado quanto seus níveis de conhecimento, aprendizado e aproveitamento obtidos no decorrer da graduação para medir sua performance acadêmica.

Para Miranda, Reis e Freitas (2017) a relação entre ansiedade e desempenho acadêmico é vista de forma bilateral. Visto que, ao mesmo tempo em que a ansiedade pode fazer com que o indivíduo se prepare para a ação, esta pode também produzir padrões aversivos de motivação que interferem no aprendizado e conseqüentemente no desempenho do sujeito frente às atividades. Em outras palavras, Soares e Martins (2010) salientam que a ansiedade só é prejudicial ao indivíduo quando se manifesta fora do controle dele, causando assim reações diante de situações estressoras tais como, provas e entrevistas de trabalho.

Nesta perspectiva, Karino e Laros (2014) afirmaram que as avaliações geram exigências diversas e poderão ter importâncias e conseqüências de diferentes formas na vida de cada pessoa, seja na escola, no trabalho, para ingressar em uma universidade, para conquistar uma vaga de emprego ou para provar que é capaz. É uma fase de expectativas e incertezas onde o objetivo principal é medir ou provar sua capacidade, assim como, aferir se os alunos estão conseguindo ter um bom desempenho nas atividades propostas.

Karino (2010) enfatiza que ao ser avaliado, o indivíduo idealiza em sua mente uma situação de pressão, tanto interna como externa, gerando uma tensão que o leva a sentir os sintomas ansiosos e ter um desempenho inferior ao que teria caso não sofresse interferência dos sintomas.

Assim sendo, o presente estudo teve como objetivo verificar a correlação entre ansiedade e desempenho acadêmico em estudantes universitários, pressupondo que uma ansiedade alta interfere no desempenho cognitivo refletindo no desempenho acadêmico.

2 MÉTODO

O presente estudo foi do tipo descritivo e transversal com amostragem não probabilística intencional. Considera-se pesquisa descritiva, aquela que abrange a obtenção de dados descritivos de pessoas e lugares por meio de entrevistas, questionários e observação, a fim de conhecer e compreender os fenômenos ocorridos acerca do estudo sem modificá-los, enquanto que o estudo transversal se trata da coleta de informações cujo objetivo é estudar uma amostra ou população homogênea, produzindo resultados imediatos. Quanto às características, o estudo trans-

versal é composto de três etapas: "Definição de uma população de interesse; Estudo da população por meio da realização de censo ou amostragem de parte dela; Determinação da presença ou ausência do desfecho e da exposição para cada um dos indivíduos estudados" (SITTA *et al.*, 2010 p. 159-160).

Para execução deste, obteve-se a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 69455317.7.0000.5641; Parecer: 2.121.193). Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A coleta dos dados foi realizada nos meses de setembro e outubro de 2017.

2.1 AMOSTRA

A amostra foi composta por 102 estudantes universitários matriculados entre o 7º e 10º período do curso de Psicologia de um Centro Universitário privado de Maceió em Alagoas.

O Centro Universitário onde foi realizada a pesquisa tem como característica principal o objetivo de oferecer educação superior de qualidade por meio de estudo, pesquisa e difusão das ciências e da cultura. Oferece cursos nas áreas de ciências humanas e sociais; ciências exatas; ciências biológicas e da saúde. Além de contar, também, com um núcleo de apoio pedagógico e psicossocial para os estudantes, núcleo jurídico e clínica-escola onde são ofertados serviços de saúde (atendimento psicológico; odontológico; fisioterápicos e nutricional) para suporte dos alunos e também para a comunidade em geral.

2.2 INSTRUMENTOS

2.2.1 Questionário sociodemográfico

Utilizou-se como um dos instrumentos de pesquisa um questionário estruturado desenvolvido pelos próprios pesquisadores composto por 13 questões objetivas, com intuito de levantar os dados econômicos, sociais e demográficos dos participantes, diante das seguintes variáveis: Sexo, Idade, Estado Civil, Outra graduação, Classe social, Forma de pagamento, Cor, Ocupação, Moradia e Qualidade de vida.

2.2.2 Inventário de Ansiedade de Beck - BAI

O inventário de Ansiedade de Beck (BAI) consiste em questionário de autorrelato com 21 questões de múltipla escolha, utilizado para medir a severidade da ansiedade de um indivíduo, expressa em sintomas comuns da ansiedade, como sudorese e sentimento de angústia e cada questão possui 4 alternativas: Absolutamente Não (0 pontos); Levemente (1 ponto); Moderadamente (2 pontos) e Gravemente (3 pontos). A pontuação máxima é de 63 pontos, divididos em 4 categorias: Mínima (0-10), Leve (11-19), Moderada (20-30) e Grave (31-63). É um inventário psicológico e a faixa-etária para aplicação se estende dos 17 aos 80 anos de idade (CUNHA, 2001).

2.2.3 Obtenção das médias ponderadas

Com a utilização da matrícula e senha do aluno foi possível que cada um consultasse por meio do portal acadêmico do Centro Universitário a sua própria média ponderada e informasse no ato do preenchimento do questionário sociodemográfico.

2.3 ANÁLISE

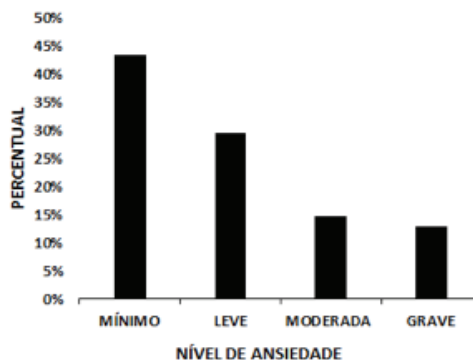
Para a análise dos dados foi realizada tabulação no programa Windows Excel 2013 e para calcular o Coeficiente de correlação de Pearson (rp) foi utilizado o programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) – Versão 23 com o objetivo de verificar se existe ou não correlação entre as variáveis (escore da ansiedade e desempenho acadêmico) e ainda se a mesma é diretamente ou inversamente proporcional. Os dados foram, também, analisados por meio de porcentagem, sendo demonstrados em forma de gráficos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O estudo foi produzido por meio de coleta de dados com amostra composta por 102 estudantes universitários matriculados entre o 7º e 10º período do curso de Psicologia, sendo 75,5% (n=77) estudantes do sexo feminino. A idade mínima foi de 20 anos e a máxima de 51 anos, tendo como média geral para idade 20,7 anos.

Houve predominância dos estudantes solteiros 81,4% (n=83) que não possuem outra graduação 90,2% (n=92), que pagam a faculdade por meio do Financiamento Estudantil (FIES) 51,0% (n=52), que se autodeclararam pardos 42,2% (n=43), pertencentes a classe média 71,5% (n=73), com moradia própria 60,0% (n=61), qualidade de vida autoavaliada como boa 65,7% (n=67) e com ocupação principal caracterizada por estudar 47,5% (n=55), ressaltando que alguns dos participantes marcaram possuir mais que uma ocupação, se dividindo entre estudo e trabalho/estágio na maioria dos casos.

No Gráfico 1 é possível perceber a distribuição em percentual da amostra estudada entre os 4 níveis de ansiedade elencados, onde 43,14% (n=44) apresentaram ansiedade mínima, representando a maior parte do grupo, seguido de 29,41% (n=30) com ansiedade leve, 14,71% (n=15) ansiedade moderada e 12,75% (n=13) ansiedade grave.



Quanto ao nível de ansiedade e o desempenho acadêmico, a Tabela 2 apresenta os resultados obtidos neste estudo. A partir dela é possível identificar os 4 níveis de ansiedade propostos pelo Inventário de Ansiedade de Beck (BAI), assim como, a frequência distribuída da amostra estudada e a média do desempenho acadêmico frente a cada um dos níveis de ansiedade.

Tabela 2 – Nível de Ansiedade versus Desempenho Acadêmico

NÍVEL DE ANSIEDADE	FREQUÊNCIA (%)	DESEMPENHO ACADÊMICO
MÍNIMO	43,14	7,87
LEVE	29,41	8,05
MODERADA	14,71	7,85
GRAVE	12,75	7,49

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

No que concerne aos resultados obtidos e analisados na tabela acima, verificou-se que estudantes com ansiedade mínima apresentam desempenho acadêmico médio de 7,87 pontos, sendo inferior se comparado a estudantes com ansiedade leve que apresentam desempenho acadêmico médio de 8,05 pontos. Quanto aos estudantes com ansiedade moderada e estudantes com ansiedade grave, apresentaram desempenho acadêmico médio de 7,85 e 7,49 respectivamente. Corroborando com esse resultado, em um estudo realizado por Miranda, Reis e Freitas (2017) do tipo exploratório quantitativo com 205 estudantes universitários do curso de Ciências Contábeis matriculados entre o 2º e 10º período, sugeriu que os discentes mais ansiosos no momento das avaliações tendem a possuir menor desempenho acadêmico.

Em contrapartida Marafanti e outros autores (2013), ao realizarem um estudo semelhante com 67 alunos do último ano de uma faculdade de medicina em São Paulo que estavam concorrendo ao ingresso a residência médica, objetivando avaliar a relação entre os níveis de ansiedade e o desempenho acadêmico, verificaram que o estudo dos níveis de ansiedade não se mostrou preditor do desempenho dos estudantes, embora a prevalência de ansiedade tenha se apresentado entre os níveis moderado e grave de forma bastante significativa, considerando que talvez não seja o nível de ansiedade que interfira no desempenho e sim a forma como o indivíduo a gerencia.

Nos resultados desta pesquisa, foi possível observar ainda que, o desempenho acadêmico começa a melhorar na ansiedade mínima para a ansiedade leve, sendo nesta, onde os estudantes atingiram seu melhor desempenho, para em seguida começar a decair da ansiedade moderada para a grave. Fabiani (2009) afirma que nem toda ansiedade é prejudicial, ou seja, para, que o indivíduo tenha um bom desempenho nas atividades executadas, é necessário que este possua um nível de ansiedade que não interfira em tal desempenho, fazendo assim com que este tenha, foco, atenção e controle sobre suas ações.

Nesta mesma perspectiva, Marchi (2013) em um estudo transversal, descritivo, de abordagem quantitativa realizado em uma escola pública de enfermagem do

estado de São Paulo, verificou que os níveis de ansiedade moderados são fundamentais para aprendizagem, enquanto que os níveis mais elevados impossibilitam o desempenho em geral.

Também, é possível observar que o desempenho obtido por estudantes com ansiedade mínima é similar ao desempenho obtido em estudantes com ansiedade moderada. O que sugere que a ausência ou uma presença mínima de ansiedade ainda afetará negativamente o desempenho dos estudantes, tanto quanto a ansiedade moderada. Corroborando com as pesquisas de Eysenck e outros autores (2007), as quais, supõem que a ansiedade prejudica o funcionamento eficiente do sistema de atenção dirigido, porque reduz o foco de atenção na tarefa que a pessoa está realizando. Os autores argumentam que sendo a atenção uma função fundamental do sistema executivo, esta é prejudicada quando os indivíduos ansiosos demandam recursos da atenção para estímulos distratores internos irrelevantes como sendo ameaçadores.

Assim, o indivíduo ao se perceber ameaçado, experimenta ansiedade, e então, parece a ele ser perigoso manter o controle da atenção muito alto para um estímulo ou local específico. No caso do estudo em questão, o estímulo específico seriam as avaliações que alocam recursos da atenção para o estímulo ameaçador, reduzindo a atenção para a tarefa em andamento (avaliação acadêmica), havendo uma preferência para estímulos relacionados a ameaças, sejam estes externos ou internos, como por exemplo, a preocupação.

De acordo com Nick e Nazanin (2013):

A Teoria do Controle de Atenção (Eysenck e outros autores, 2007; Derakshan e Eysenck, 2009) postula que a ansiedade característica interfere com os processos de inibição, mudança e atualização da memória de trabalho. Consequentemente, prevê-se que pessoas altamente ansiosas sejam mais precárias em tarefas cognitivas exigentes que exigem processamento cognitivo eficiente [...]. (NICK; NAZANIN 2013, p. 440).

Para Matthew e outros autores (2014), tais resultados apontam para o fato de que indivíduos com altos níveis de ansiedade sofrem efeitos adversos de interferência no desempenho de tarefas cognitivas, particularmente aquelas que necessitam de grandes demandas de recursos cognitivos, refletindo assim no desempenho acadêmico como um todo.

Em um estudo com estatísticas descritivas e inferenciais não paramétricas realizado por Cunha e outros autores (2017), objetivando avaliar a ansiedade e o desempenho acadêmico nas disciplinas de matemática e português com 134 alunos do Ensino Fundamental I de duas escolas, uma pública e outra particular do sul do Estado de Minas Gerais, apresentou como resultados, um nível médio de ansiedade escolar, indicando que no contexto acadêmico das escolas pesquisadas, embora houvesse a perspectiva do surgimento de condições novas e desafiadoras que podem produzir ansiedade, ela não se manifestou de forma patológica. Porém as autoras apontam

para uma carência de pesquisas com crianças quanto à ansiedade escolar nesse nível de ensino e consideram importante a possibilidade de avaliar outras amostras.

Em outro estudo, realizado por Mychailyszyn, Mendez e Kendall (2010) com 227 estudantes de 7 a 14 anos, objetivando observar o comportamento de estudantes com transtorno de ansiedade diagnosticados clinicamente, comparados com outros estudantes sem diagnóstico, obtiveram resultados indicando que, alunos com transtorno de ansiedade apresentaram maior agravo no desempenho acadêmico que os alunos sem transtorno de ansiedade. Reforçando, assim, os resultados deste estudo de que elevados níveis de ansiedade têm influência negativa no desempenho do estudante.

Quanto à análise quantitativa da correlação feita nesse estudo por meio do Coeficiente de Pearson (r_p), foi identificada uma correlação inversamente proporcional e fraca entre o escore de ansiedade e o desempenho acadêmico, ($r_p = -0,161$; $p > 0,05$). Tal correlação fraca se justifica visto que os estudantes com ansiedade mínima, assim como os estudantes com ansiedade moderada e grave terão prejuízos em seu desempenho acadêmico. Logo, para alcançar um bom desempenho acadêmico este estudo sugere que é necessário aos estudantes apresentarem um nível de ansiedade considerado leve.

Fabiani (2009) descreve essa ansiedade leve como um nível de ansiedade "ótima", citado pela autora para justificar um ideal. Diante de tais pressupostos os resultados demonstram que uma ansiedade leve é necessária para que o sujeito possa atingir seus objetivos, evidenciando, assim, que a ansiedade pode ser encarada como propulsora de desempenho quando está dentro dos padrões de funcionalidade do indivíduo.

Verificou-se, também, que embora o valor de referência crítico estatisticamente significativo tenha se aproximado bastante, a amostra pesquisada não foi suficiente para obter este caráter, ficando assim, a necessidade de pesquisas no mesmo segmento com um maior número de participantes a fim de ter um resultado mais significativo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao entender a ansiedade como uma condição natural que permite ao sujeito se preparar para acontecimentos futuros desconhecidos é possível caracterizá-la como um sentimento de prevenção. Em contrapartida, quando seus sintomas são exacerbados, ela se torna disfuncional, passando a afetar comportamentos e cognição, envolvendo aspectos fisiológicos e psicológicos, algumas vezes possíveis de serem observados facilmente por outras pessoas.

Ao transpor essa condição para o meio acadêmico, onde o estudante é frequentemente testado quanto a sua capacidade, foi levantada neste trabalho, a hipótese a priori que, o nível de ansiedade quando disfuncional pode causar consequências negativas no seu desempenho acadêmico.

Frente à análise dos resultados, pode-se sugerir que há correlação inversa entre as variáveis ansiedade e desempenho acadêmico, onde uma ansiedade moderada e grave tende a diminuir o desempenho acadêmico, no entanto a partir deste estudo

pode-se perceber ainda que, embora a ansiedade quando exacerbada possa ser prejudicial, existe um nível entre a ausência/mínima de ansiedade e a ansiedade moderada e grave, onde o desempenho acadêmico vai ser melhor, que é o nível caracterizado como leve, sendo este nível, uma ansiedade considerada funcional.

Assim, esta pesquisa atendeu a hipótese levantada, tendo como limitação o tempo utilizado que poderia ter sido ampliado para alcançar mais estudantes e obter resultados estatisticamente mais contundentes.

Embora tenha havido essa limitação, os resultados contribuem para reflexão sobre a importância do tema tanto para as instituições de ensino que possam buscar meios de dar suporte aos estudantes, como para os próprios estudantes, que por sua vez, devem começar a se perceber e buscar auxílio para aprender a lidar com a ansiedade quando disfuncional, tornando-a uma aliada no processo de aprendizagem ao invés de uma inimiga.

REFERÊNCIAS

BRAGA, P. C. C. S. *et al.* Ansiedade Patológica: Bases Neurais e Avanços na Abordagem Psicofarmacológica. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v. 14, n. 2, 2010, p. 93-100. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rbcs/article/view/8207/5320>. Acesso em: 26 maio 2017.

BRAGA, P. C. C. S. **Planejamento, síntese e avaliação das atividades tipo ansiolíticas e do perfil antioxidante do candidato a protótipo do fármaco lqfm180**. 2016. 56f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ciências Farmacêuticas, Faculdade de Farmácia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/6575/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Patr%C3%ADcia%20Caixeta%20Castro%20Souza%20Braga%20-%202016.pdf>. Acesso em: 26 maio 2017.

CARMO, S. J.; SIMIONATO, M. A. Reversão de ansiedade à matemática: alguns dados da literatura. **Psicol. estud.**, v. 17 n. 2, Maringá, abr./jun. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722012000200015. Acesso em: 17 maio 2017.

CLARK, D. A.; BECK, A, T. **Terapia cognitiva para os transtornos de ansiedade**, Porto alegre, Artmed, 2012.

CUNHA, J. A. *et al.* **Escalas Beck**. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, 2001.

CUNHA, N. B. *et al.* Ansiedade e desempenho escolar no ensino fundamental I. **Rev. Educação**, Santa Maria, v. 42, n. 2, maio/ago. 2017. p. 397-410. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/22818/pdf>. Acesso em: 14 nov. 2017.

EYSENCK, M. W.; DERAKSHAN, N.; SANTOS R.; CALVO, M. G. **Anxiety and Cognitive Performance: Attentional Control Theory: Attentional Control Theory**. Vol. 7. Department of Psychology, Royal Holloway University of London. London: United Kingdom, 2007.

FABIANI, M. T. Psicologia do esporte: a ansiedade e o stress pré-competitivo. **Psicologia.pt. Rev. Eletr.** Set. 2009. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0483.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2017.

GUIMARÃES M. F. **Depressão, ansiedade estresse e qualidade de vida de estudantes de universidades pública e privada**. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Mestrado em Psicologia da Saúde, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2014.

KARINO, A. C. Avaliação do efeito da ansiedade no desempenho em provas. **Instituto de psicologia**, Brasília, nov. 2010.

KARINO, C. A.; LAROS, J. A. Ansiedade em situações de prova: evidências de validade de duas escalas. **Psico-USF**, Itatiba, v. 19, n. 1, p. 23-36, abr. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712014000100004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 mar. 2017.

LORICCHIO, T. M. B.; LEITE, J. R. Estresse, ansiedade, crenças de autoeficácia e o desempenho dos bacharéis em Direito. **Aval. psicol.**, Itatiba, v. 11, n. 1, abr. 2012, p. 37-47. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712012000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26 maio 2017.

MATTHEW, O.; JIM, S.; JULIE, A. H; ROGER, N. When does anxiety help or hinder cognitive test performance? The role of working memory capacity. **Br J Psychol.**, University of Cambridge, v. 105, n. 1, p. 92-101, fev. 2014. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24387098>. Acesso em: 14 nov. 2017.

MARAFANTI, I. *et al.* Influência de sintomas ansiosos no desempenho acadêmico de formandos de medicina. **Arq Med Hosp Fac Cienc Med Santa Casa**, São Paulo, 2013. Disponível em: http://www.fcmscsp.edu.br/files/arquivos_medicos/AO47-Influencia-de-sintomas-ansiosos.pdf. Acesso em: 11 nov. 2017.

MARCHI, K. C. *et al.* Ansiedade e consumo de ansiolíticos entre estudantes de enfermagem de uma universidade pública. **Rev. Eletr. Enf.**, v.15, n. 3, pp.731-739, jul./set. 2013. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fen/index>. Acesso em: 11 nov. 2017.

MEDEIROS, C. C. V.; PENICHE, G. C. A influência da ansiedade nas estratégias de enfrentamento utilizadas no período pré-operatório. **Rev Esc. Enferm**, v. 40,

n. 1, 2006, p. 86-92. Disponível em: <http://www.journals.usp.br/reeusp/article/view/41513/45107>. Acesso em: jun. 2017.

MIRANDA, G. J.; REIS, C. F.; FRETIAS, S. C. Ansiedade e desempenho acadêmico: um estudo com alunos de ciências contábeis. XVII International conference in accounting, 17, 2017. **Anais [...]**, São Paulo, 2017. p. 1-14. Disponível em: <http://www.congressosp.fipecafi.org/anais/AnaisCongresso2017/ArtigosDownload/122.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2017.

NICK, B.; NAZANIN, D. Attentional control deficits in trait anxiety: Why you see them and why you don't. **Biological Psychology**, v. 92, Issue 3, p. 440-446, mar. 2013. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0301051112000695>. Acesso em: 13 nov. 2017.

OLIVEIRA, K. L.; SANTOS, A. A. A. Compreensão de textos e desempenho acadêmico. **Psic: revista da Vetor Editora**, v. 7, n. 1, p. 19-27, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142006000100004&lng=pt&lng=pt. Acesso em: 14 nov. 2017.

PEREIRA, S. M.; LOURENCO, L. M. O estudo bibliométrico do transtorno de ansiedade social em universitários. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 64, n. 1, pp. 47-62, abr. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672012000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26 maio 2017.

RAMOS, T. R. Transtorno de ansiedade. **Rev. Bras Med.**, Ed. Jr, v. 11, n. 66, nov. 2009. Disponível em: http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?id_materia=4131&fase=imprime. Acesso em: 26 maio 2017.

SITTA, E. I. *et al.* A contribuição de estudos transversais na área da linguagem com enfoque em afasia. **Rev. CEFAC**, v. 12, n. 6, p. 1059-1066, nov./dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v12n6/14-10.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2017.

SOARES, A. B.; MARTINS, J. S. R. Ansiedade dos estudantes diante da expectativa do exame vestibular. **Redalyc**, v. 20, n. 45, p. 57-62, jan./abr. 2010. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/3054/305423775008/>. Acesso em: 14 nov. 2017.

SOUSA, D. A. *et al.* Revisão sistemática de instrumentos para avaliação de ansiedade na população brasileira. **Aval. psicol.**, Itatiba, v. 12, n. 3, p. 397-410, dez. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712013000300015&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26 maio 2017.

Data do recebimento: 15 de Setembro de 2018

Data da avaliação: 5 de Novembro 2018

Data de aceite: 23 de Janeiro de 2019

1 Graduando do curso de Psicologia pelo Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL.

E-mail: jmiltonlopes@hotmail.com.

2 Graduanda do curso de Psicologia pelo Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL.

E-mail: edmaluciabrito@gmail.com.

3 Graduanda do curso de Psicologia pelo Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL.

4 Professora do curso de Psicologia pelo Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL.

E-mail: nielkynobrega@hotmail.com.

5 Professor do curso de Psicologia pelo Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL.

E-mail: afermoseli@hotmail.com.

